



Existe uma verdade profundamente séria — e ao mesmo tempo cheia de esperança — no ensinamento tradicional da Igreja: **seremos julgados pelo amor feito ação**. Não por ideias abstratas, nem por intenções vagas, mas pelo que fizemos — ou deixamos de fazer — em relação ao próximo concreto que Deus colocou no nosso caminho.

Isto não é uma opinião piedosa. É o próprio coração do Evangelho, expresso com força no juízo final narrado no Evangelho segundo Mateus (Mt 25,31-46), onde Jesus Cristo se identifica com os famintos, os sedentos, os doentes e os presos. Ali é revelado o critério definitivo:

«Sempre que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.»

Esta passagem não apenas inspira: **define o conteúdo concreto do Juízo**.

O que são as obras de misericórdia?

A tradição catequética da Igreja responde claramente:

As obras de misericórdia são aquelas ações pelas quais socorremos as necessidades corporais e espirituais do nosso próximo.

Não se trata simplesmente de “ser uma boa pessoa”. Trata-se de **tornar visível a misericórdia de Deus** na vida quotidiana. A palavra “misericórdia” vem do latim *miseri-cordare*: dar o coração aos miseráveis, aos que estão em necessidade.

E aqui está um ponto fundamental:

- ☐ **Não existe verdadeira vida cristã sem obras de misericórdia.**
 - ☐ **Não existe santidade sem caridade concreta.**
-



Os dois rostos da misericórdia: corpo e alma

A Igreja, com a sua sabedoria milenar, distingue **dois tipos de obras de misericórdia**:

- Corporais (para as necessidades físicas)
- Espirituais (para as necessidades da alma)

Ambas são inseparáveis. Reduzir a fé apenas ao auxílio material empobrece-a; esquecer o sofrimento físico em nome do espiritual desumaniza-a.

I. As obras de misericórdia corporais

São sete e permanecem profundamente atuais, mesmo parecendo antigas:

1. Dar de comer aos famintos

Num mundo onde a fome real ainda existe — e também a fome de dignidade — esta obra continua urgente. Não se limita a dar esmola: implica **partilha, renúncia e envolvimento**.

2. Dar de beber aos sedentos

A água, símbolo da vida, é também símbolo da justiça. Hoje esta obra toca questões sociais: acesso a recursos, pobreza, desigualdade.

3. Vestir os nus

Não se trata apenas de cobrir o corpo, mas de **restaurar a dignidade**. Muitas vezes a “nudez” também é social: marginalização, exclusão.

4. Hospedar os estrangeiros (ou dar abrigo aos sem-abrigo)

No tempo das migrações em massa, dos refugiados e deslocados, esta obra é mais atual do que nunca. Aqui o cristão enfrenta uma pergunta concreta: **vê no estrangeiro um problema ou um irmão?**



5. Visitar os enfermos

Uma das obras mais profundamente cristãs. Nem sempre podemos curar, mas **sempre podemos acompanhar**. A solidão do doente muitas vezes é pior do que a própria doença.

6. Visitar os presos

Uma obra incómoda e frequentemente esquecida. Obriga-nos a olhar para além do crime e reconhecer a **dignidade irreduzível de cada pessoa**.

7. Enterrar os mortos

Pode parecer distante, mas revela uma verdade essencial: **honrar o corpo mesmo após a morte**, afirmando a esperança na ressurreição.

II. As obras de misericórdia espirituais

Se as obras corporais dizem respeito ao corpo, estas atingem o núcleo mais profundo: a alma.

1. Aconselhar os que duvidam

Não se trata apenas de dar opiniões, mas de **ajudar a discernir segundo a verdade e o bem**.

2. Ensinar os ignorantes

Obra fundamental em tempos de confusão. Ensinar não é impor, mas **iluminar com caridade e verdade**.

3. Corrigir os que erram

Provavelmente a mais difícil hoje. Vivemos numa cultura que rejeita a correção. Ainda assim, **corrigir com amor é um ato de misericórdia**, não de julgamento.



4. Consolar os tristes

Uma palavra, uma presença, um silêncio partilhado... O consolo é uma das formas mais puras do amor cristão.

5. Perdoar as ofensas

Aqui tudo se decide. O cristianismo não se compreende sem o perdão. Não é fraqueza, mas **participação na misericórdia de Deus**.

6. Suportar com paciência os defeitos do próximo

A convivência revela as nossas misérias. Esta obra exige humildade e caridade quotidiana.

7. Rezar por vivos e mortos

A oração também é uma obra de misericórdia. Interceder é amar profundamente, mesmo quando não podemos agir diretamente.

O Juízo: não será teórico, mas concreto

O ensinamento tradicional é claro:

☐ **Prestaremos contas destas obras.**

Não em abstrato, mas concretamente:

- Quem ajudaste?
- Quem ignoraste?
- Quem perdoaste?
- Quem rejeitaste?

O cristianismo não é uma ideia bonita; é uma vida vivida na caridade.

Como ensinava São Tomás de Aquino, a misericórdia é a maior das virtudes em relação ao próximo, porque reflete diretamente o amor de Deus.



Um apelo urgente para hoje

Vivemos numa época paradoxal:

- Muita sensibilidade... mas pouca ação.
- Muito discurso... mas pouco sacrifício.
- Muitas opiniões... mas pouca misericórdia real.

As obras de misericórdia não são opcionais. São **o termómetro da nossa fé**.

Não se trata de fazer grandes coisas, mas de fazer **pequenas coisas com grande amor**, como lembrava Santa Teresa de Calcutá.

Guia prático: como começar hoje

Não é necessário esperar condições ideais. Pode-se começar agora:

- Telefonar a uma pessoa doente ou idosa.
- Ouvir alguém que sofre.
- Perdoar uma ofensa não resolvida.
- Dar algo concreto a quem precisa.
- Rezar por alguém que não pode fazê-lo.

A misericórdia começa nas pequenas coisas... mas tem consequências eternas.

Conclusão: o cristianismo vive-se no amor concreto

No fim, tudo se resume a isto:

☐ **Amámos como Cristo amou?**

As obras de misericórdia não são uma lista moralista. São o **retrato de Cristo vivido em**



As obras de misericórdia: o exame do amor que ninguém poderá evitar | 6

nós.

Porque no dia do Juízo não nos será perguntado quanto sabíamos...
mas **quanto amámos.**

E esse amor terá um nome, um rosto e obras concretas.